

A PESQUISA TEÓRICA A PARTIR DO MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICO

LA INVESTIGACIÓN TEÓRICA BASADA EN EL MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉCTICO

THEORETICAL RESEARCH BASED ON THE HISTORICAL-DIALECTICAL MATERIALIST METHOD

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v16i1.56130>

André Perussi Salina¹

Flávia da Silva Ferreira Asbahr²

Resumo: Este artigo se propõe a oferecer algumas reflexões acerca da pesquisa teórica com base no método materialista histórico-dialético. Para tanto, nos aprofundamos nos fundamentos filosóficos que sustentam este método a fim de identificarmos princípios orientadores para a realização deste tipo de investigação científica. A partir deste objetivo, defendemos a unidade entre teoria e prática, a contextualização histórica da produção teórica, da atividade do pesquisador diante de seu objeto de pesquisa, dentre outros princípios que caracterizam tanto o método materialista histórico-dialético, quanto sua expressão na realização de um estudo teórico.

Palavras-chave: Método Materialista Histórico-Dialético. Pesquisa Teórica. Filosofia da Ciência.

Resumen: Esta investigación pretende ofrecer algunas reflexiones sobre la investigación teórica basada en el método materialista histórico-dialéctico. Para ello, profundizamos en los fundamentos filosóficos que sustentan este método con el fin de identificar los principios rectores para llevar a cabo este tipo de investigación científica. A partir de este objetivo, defendemos la unidad entre teoría y práctica, la contextualización histórica de la producción teórica, la actividad del investigador frente a su objeto de investigación, entre otros principios que caracterizan tanto al método materialista histórico-dialéctico como a su expresión en la realización de un estudio teórico.

Palabras clave: Método Materialista Histórico-Dialéctico. Investigación Teórica. Filosofía de la Ciencia.

Abstract: This research proposes to offer some reflections on theoretical research based on the historical-dialectical materialist method. To this end, we delve into the philosophical foundations that underpin this method in order to identify guiding principles for carrying out this type of scientific research. From this objective, we defend the unity between theory and practice, the historical contextualization of theoretical production, the researcher's activity in the face of his research object, among other principles that characterize both the historical-dialectical materialist method and its expression in the realization of a theoretical study.

Keywords: Historical-Dialectical Materialist Method. Theoretical Research. Philosophy of Science.

Introdução

Este artigo é produto de uma dissertação de mestrado (SALINA, 2023), que, conforme foi desenvolvida, nos despertou inquietações sobre como o método materialista histórico-dialético poderia se expressar na realização de uma pesquisa teórica. Constatamos que, apesar deste tipo de pesquisa ser relativamente comum, especialmente nas ciências humanas e, conseqüentemente, na educação – inclusive aquelas que têm como base o método marxista – e em etapas iniciais da carreira científica – como as monografias de conclusão de curso ou as dissertações de mestrado – há poucos textos que abordam de maneira sistematizada a relação entre a pesquisa teórica e o método materialista histórico-dialético. Imaginamos que a lacuna de publicações sobre o tema está mais relacionada com ausência de uma sistematização deste (modo de produzir) conhecimento do que com a ausência deste mesmo conhecimento.

Isto posto, percebemos a necessidade de uma discussão explícita acerca da realização da pesquisa teórica com base no método materialista histórico-dialético. Para superar esta lacuna, buscamos compreender as bases filosóficas (ontológicas, gnosiológicas e epistemológicas) que orientam o método marxista e, a partir de então, elaboramos alguns pressupostos para a realização de pesquisas teóricas sob este método. Mais do que apresentar uma resposta fixa e padronizada para o nosso problema, nosso objetivo com este texto é apresentar pressupostos gerais capazes de orientar cada pesquisa teórica, de acordo com as necessidades do objeto de investigação e dos pesquisadores, tendo como base o materialismo histórico-dialético.

Mas por que é importante realizar pesquisas teóricas e por que a sistematização deste modo de realizar estudos pode ser tão relevante? Primeiramente, consideramos que estas questões emergem em um contexto histórico e científico específico. Por um lado, nos deparamos com um modelo de ciência hegemônico que privilegia a realização de estudos experimentais, em situações artificiais e com controle de variáveis: a chamada ciência positivista. Por outro, a partir do método marxista, nos inserimos em um conjunto de práticas científicas que tendem a valorizar a realização de pesquisas práticas, como a pesquisa-ação, a pesquisa de campo, o experimento formativo, dentre outras formas de estudo da realidade que contemplem uma intervenção direta sobre ela. Em ambos os casos, com diferentes motivos e questões, nos afastamos da pesquisa teórica como uma possível fonte legítima de produção do conhecimento – é importante destacar, ainda, que o valor atribuído a uma pesquisa depende de diversos fatores e não apenas dos procedimentos de investigação que a compõem ou do tipo de conhecimento abordado.

Temos, então, uma primeira pista acerca da importância deste tipo de pesquisa: a relação entre a pesquisa teórica e o conhecimento. Como abordamos adiante, a teoria é uma forma sistematizada de compreensão da realidade, ou melhor, da relação do sujeito com a realidade (MARTINS, LAVOURA, 2018). Porém, é ilusório pensar que este conhecimento, por ter sido produzido por seres humanos durante sua longa história de desenvolvimento, estaria imediatamente acessível para ser compreendido por cada ser humano singular. Marx e Engels (2007) defendiam que o processo histórico do desenvolvimento humano está determinado pelo fato de que os seres humanos eram capazes de se apropriar dos instrumentos elaborados por outros seres humanos em outros momentos históricos anteriores a ele – o

ser humano que aprende a usar a vara de pescar ou a lança de caça – garantindo, então, uma continuidade histórica entre as diferentes gerações de seres humanos.

O conhecimento, então, pode ser visto como um destes instrumentos – ainda que com grandes diferenças em relação aos instrumentos manuais – que não nasce com cada ser humano singular, mas deve ser apropriado por ele em sua relação com a cultura (SAVIANI, 2007). Neste momento histórico, no qual a ciência, a filosofia e a arte têm um amplo desenvolvimento, a realização de uma pesquisa teórica pode ser uma fonte importante de aproximação dos seres humanos com o conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história. Quando realizada, tem o potencial de contribuir para a humanização dos seres humanos em dois sentidos: por um lado, a realização de uma pesquisa teórica aproxima os seres humanos do conhecimento, pois garante mais meios pelos quais cada sujeito singular pode apreender determinadas ideias e, de maneira geral, das leis e propriedades da realidade; por outro, o próprio pesquisador que se debruça sobre um objeto teórico se humaniza, uma vez que a realização da pesquisa teórica demanda a relação entre o sujeito e o conhecimento.

É importante ressaltar, ainda, que a relação entre os seres humanos e o conhecimento depende das condições objetivas nas quais ela se realiza. Assim, quando afirmamos que o conhecimento não está imediatamente acessível a cada ser humano singular, nos referimos não apenas a uma propriedade ontológica do desenvolvimento humano, segundo a qual este sujeito demandaria de determinada relação com outros seres humanos e com os produtos do gênero humano para se apropriar do legado científico, filosófico e artístico historicamente desenvolvido (SAVIANI, 1999; 2007); mas também a uma dimensão política. Isso porque, para que o conhecimento seja acessível a cada ser humano singular, dependemos de ações concretas não apenas de sistematização do conhecimento por meio de pesquisas teóricas, mas da disponibilidade e acessibilidade dos textos ou produtos que contém este conhecimento, que podem ser alcançados por meio de traduções, publicações, digitalizações, dentre outros recursos.

Na sociedade capitalista, de maneira geral, a produção do conhecimento está determinada pelo desenvolvimento do capitalismo e da expectativa de que este conhecimento atenda aos interesses do Capital, o que reverbera na realização da pesquisa teórica. Ainda que estejamos em uma outra seara da produção científica, com uma perspectiva revolucionária de transformação social, nos deparamos com alguns destes impedimentos. A ausência de traduções diretas de alguns textos para o português (a depender do tema a ser estudado), as barreiras econômicas (de pagamento) para acessar alguns conteúdos ou a mercantilização do ensino e da pesquisa universitários são exemplos das limitações com as quais podemos nos deparar na realização de estudos teóricos. Entretanto, tais dificuldades também denunciam a necessidade deste tipo de pesquisa, uma vez que esta é um meio efetivo de superação da lacuna entre aquilo que foi produzido historicamente como conhecimento pela humanidade e o acesso real aos produtos do conhecimento por cada ser humano singular.

À título de exemplo, em nossa pesquisa da dissertação, estudamos um conceito da Psicologia Histórico-Cultural que está presente nos estudos de uma psicóloga soviética pouco estudada no ocidente, Lidia I. Bozhovich. Para apreendê-lo, utilizamos a tradução de textos publicados originalmente em russo para o inglês e o espanhol. Por não termos domínio do idioma original, não pudemos acessar cerca de

80% da produção científica da autora, o que significa um impedimento muito significativo para a compreensão do próprio conceito. Ao mesmo tempo, tal situação denuncia a submissão do nosso trabalho aos interesses das editoras ou revistas científicas, que decidem quais textos, pesquisas ou ideias devem ser traduzidas e publicadas. Nos parece, então, que quanto mais distante está a interlocução entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, mais evidente se torna a tese de que o conhecimento produzido historicamente pelo ser humano não se encontra acessível para cada pessoa singular, o que inclui determinantes ideológicos, materiais, científicos, dentre muitos outros.

Outro motivo igualmente relevante para a defesa da pesquisa teórica está no desenvolvimento histórico do conhecimento humano. Como demonstramos anteriormente, tal avanço científico, filosófico, artístico e tecnológico está permeado por diversas contradições próprias da sociedade capitalista globalizada. Entretanto, é inegável que o nível de domínio das leis e fenômenos da realidade que a humanidade tem acesso hoje é muito superior ao domínio que tinha nas décadas anteriores. Na verdade, pela característica globalizada e coletiva da atividade científica e do avanço tecnológico propiciado pelo desenvolvimento do gênero humano, que se sustenta por uma rede de pesquisadores direta e indiretamente conectados, a produção de conhecimento apresenta um desenvolvimento exponencial. Em outras palavras, o alcance e a velocidade desta produção é muito maior do que em outros períodos – como um dos exemplos mais recentes, poderíamos citar a superação da pandemia de COVID-19, um vírus relativamente desconhecido, por meio do desenvolvimento de formas de prevenção, imunização e tratamento que só foram possíveis a partir do esforço científico coletivo, o que é inimaginável em outros momentos históricos.

Assim, diante da complexificação cada vez maior da relação do ser humano com a realidade e da produção do conhecimento, a realização de pesquisas teóricas pode ser cada vez mais importante. Afinal, “um problema científico é elaborado no confronto teórico entre o conhecimento já alcançado pela humanidade (...) e aquilo que ainda se faz necessário conhecer” (MARTINS, LAVOURA, p. 234, 2018). Por isso, quanto mais produzimos conhecimento sobre a realidade e as relações sociais, mais necessidade temos de sistematizar estes produtos a fim de aprofundar nosso conhecimento sobre a realidade, especialmente pela superação daquelas reflexões e teorias que se tornam obsoletas.

Este tipo de estudo, então, permite a sistematização do conhecimento sobre determinado assunto, o que contém também a avaliação desta produção teórica quanto à sua pertinência histórica. O pesquisador que se propõe a pesquisar sobre o conceito de alienação em diferentes autores, por exemplo, se depara com a necessidade de avaliar se aquele conceito, quando estudado, permanece pertinente para a compreensão da relação do ser humano com a realidade. Uma pesquisa comparativa poderia permitir que este mesmo pesquisador avalie o curso histórico da compreensão deste fenômeno e quais são os textos mais capazes de apreendê-lo. Em outras palavras, o pesquisador teórico não apenas constata aquilo que foi produzido como conhecimento por outros seres humanos, mas qualifica este conhecimento no curso da história, selecionando aqueles produtos mais relevantes para o desenvolvimento da ciência e explicitando aquilo que foi, de alguma forma, superado por outras pesquisas ou aqueles conceitos que continuam

pertinentes para a análise dos fenômenos da realidade, mas demandam atualização histórica de acordo com as exigências da própria materialidade.

Além disso, também podemos mencionar que a pesquisa teórica permite que os pesquisadores se debrucem sobre temas específicos em meio a uma produção intelectual mais ampla, como é o caso de pesquisas conceituais. Nestas pesquisas, é comum que o objeto de estudo não seja a totalidade da obra de um autor, tampouco todas as determinações da realidade, mas um recorte desta obra e desta realidade. Uma pesquisa sobre o conceito de vivência em L. S. Vigotski (2017), por exemplo, pode oferecer uma compreensão mais qualificada desta experiência humana com a realidade. É evidente que, neste tipo de estudo, nunca nos dissociamos da totalidade da obra ou da realidade que pretendemos conhecer; entretanto, por meio do destaque, podemos apreender diferentes nuances e determinações de um conceito que não poderiam ser alcançadas caso este não tivesse sido tomado como objeto de estudo.

O desenvolvimento de pesquisas teóricas, então, nos dá mais condições para a continuidade e aprofundamento da produção de conhecimento, demanda que se faz ainda mais evidente conforme o desenvolvimento tecnológico, científico e filosófico avança, uma vez que é um meio de tornar mais acessível os produtos do gênero humano na sua relação com a realidade. Assim, um pesquisador ou um grupo de pesquisadores que pretendem realizar um estudo – teórico, experimental ou prático – não precisariam criar as próprias ferramentas (conceitos) para a análise dos dados, tampouco necessitariam do esforço de ler todas as obras de um autor ou todo o conhecimento produzido sobre um tema para elaborar uma interpretação daqueles fenômenos com os quais se depara na pesquisa. O estudo teórico desenvolvido por outros pesquisadores permite, então, que outros estudos sejam desenvolvidos, catalisando o processo de assimilação teórica por meio do fornecimento de uma base teórica sistematizada. Aliás, é porque sistematizamos o conhecimento em teorias e porque realizamos pesquisas teóricas que "não partimos do zero" em cada estudo que realizamos, mesmo que estes sejam empíricos ou experimentais.

Com certa frequência, nos deparamos com justificativas para a pesquisa teórica que giram em torno da ausência de recursos (financiamento ou tempo) para a realização de uma pesquisa experimental ou prática, assim como argumentos acerca da imaturidade do pesquisador, que não conseguiria cumprir os protocolos de uma pesquisa experimental ou empírica. Neste sentido, privilegiam-se estudos teóricos nas pesquisas iniciais da carreira científica, pressupondo que neste momento há menos tempo para a realização do estudo e o pesquisador estaria menos preparado para se defrontar com a complexidade da realidade. Tais justificativas estão amparadas em uma desvalorização da pesquisa teórica, interpretada como simples e de fácil realização, enquanto as pesquisas experimentais ou práticas teriam mais valor, por apreender os fenômenos da realidade em sua expressão objetiva. Não acreditamos que estas leituras são completamente infundadas, mas, diante do exposto até este momento, nos parece evidente que a realização de estudos teóricos contém um valor próprio, uma vez que é condição para o desenvolvimento científico e filosófico, como um todo e deve estar tão conectado com os fenômenos da realidade quanto as demais modalidades de pesquisa científica.

Sintetizamos que, se a emancipação humana depende da apropriação dos produtos do gênero humano por cada ser humano singular (SAVIANI, 1999) e se a pesquisa teórica é um meio de tornar mais acessível o conhecimento historicamente desenvolvido e acumulado, logo este tipo de estudo pode contribuir com a luta pela emancipação humana. Entretanto, para que esta atividade tenha este caráter, se faz necessário refletir sobre os conteúdos a serem apreendidos, assim como as formas pelas quais se apreende este conhecimento. Em um contexto de disputa ideológica e de banalização da produção do conhecimento, é importante enfatizar que não há neutralidade na produção científica ou filosófica e, neste sentido, a realização de uma pesquisa teórica, por si mesma, não necessariamente garante as condições de interpretação e transformação da realidade, tal como pressupõe o método materialista histórico-dialético.

Neste sentido, entendemos que a sistematização de alguns pressupostos deste método, assim como a apresentação a sua relação com a pesquisa teórica, nos ofereceria a possibilidade de realizar estudos mais coerentes metodológica e filosoficamente. Tal proposta não pode ser reduzida à sua dimensão técnica, como se fosse possível apreender um conjunto de procedimentos a ser realizado durante o curso da pesquisa; mas diz respeito à dimensão política, ou seja, à relação entre a produção do conhecimento e a luta pela emancipação humana. Por não ser possível apresentar respostas fixas, universais e imutáveis para ambas as dimensões, nos detemos sobre as bases filosóficas que sustentam as pesquisas que têm como base o método materialista histórico-dialético, buscando um modo de organização do estudo coerente com os princípios ontológicos, epistemológicos e gnosiológicos deste método.

Dividimos este artigo didaticamente em três partes, intituladas: "a relação entre a teoria e a prática", "o materialismo e a primazia ontológica do objeto" e "a produção teórica como expressão histórica da relação entre o sujeito e a realidade". Ressaltamos que, a partir do método, a realização de cada pesquisa deve contemplar estes pressupostos em unidade, uma vez que são princípios indissociáveis.

A relação entre teoria e prática

Iniciamos a discussão sobre a pesquisa teórica por meio do método materialista histórico-dialético a partir de um dos pressupostos mais caros à filosofia marxista: a unidade entre a teoria e prática, que se expressa no conceito de *práxis*. Poderíamos nos perguntar, em um primeiro momento, se este tipo de investigação não seria uma cisão da unidade entre teoria e prática. Defendemos, neste sentido, que a realização de uma pesquisa teórica, quando inserida nos pressupostos do método materialista histórico-dialético, contempla esta unidade.

Porém, tal unidade não está necessariamente posta nas pesquisas ou nas intervenções pelo simples anúncio do método materialista histórico-dialético como base para a sua realização. Por um lado, é importante destacar que o modo de produção capitalista impõe a divisão social do trabalho: entre o trabalho intelectual e o trabalho prático, entre o sujeito que pensa/planeja e o sujeito que executa. Tal divisão, então, determina a própria cisão entre teoria e prática, tornando-a mais difícil de ser apreendida. Por outro lado, posto que a unidade entre teoria e prática não é óbvia – e não está imediatamente acessível

ao pesquisador e/ou filósofo – faz parte do trabalho científico identificar a relação entre a atividade humana e o pensamento que dela emerge. Para tanto, consideramos que a teoria – a formulação científica e filosófica sobre a realidade – é um momento da relação do ser humano com a realidade.

Nesta direção, consideramos que a pesquisa teórica, amparada no método marxista, deve tomar seu objeto de estudo – geralmente um (conjunto de) texto(s) – como um momento da relação entre o autor e os fenômenos que ele pretende conhecer. Assim, este tipo de pesquisa só pode ser expressão do método se, de um lado, entende o seu objeto de investigação como um produto da prática humana ou da relação do ser humano com a realidade, e, de outro, contém em si a compreensão de como este estudo teórico intervém (ou tem o potencial de intervir) na prática humana. Em outras palavras, cabe ao pesquisador, ainda que diante de um estudo teórico, identificar como o conhecimento que produz reverbera na relação prática dos seres humanos com a realidade.

Voltemos à unidade entre a teoria e a prática. Para Vázquez (1977, p. 126-127), é por meio da práxis que “a filosofia [e a ciência] se realiza, se torna prática e se nega, portanto, como filosofia [ciência] pura, ao mesmo tempo em que a realidade se torna teórica no sentido de que se deixa impregnar pela filosofia [ciência]”. Com base nas críticas que Marx e Engels (2007) realizam n'*A Ideologia Alemã* acerca do papel da filosofia na vida humana, o autor conclui que “a teoria, que por si só não transforma o mundo real, torna-se prática quando penetra na consciência dos homens” (VÁZQUEZ, 1977, p. 127). Desta forma, a teoria ou o conhecimento científico se torna transformador apenas quando este é apropriado por um sujeito, que intervém sobre a realidade, em um processo dialético no qual tanto a consciência quanto a realidade se transformam. A *práxis*, portanto, emerge como fundamento, critério de verdade e finalidade do conhecimento; e a consciência, assim como a teoria, emerge como produto da prática, que tem o potencial de ser compartilhada e comunicada pelos seres humanos.

Como apresentaremos mais adiante, a prática humana e o conhecimento sobre a realidade que dela emerge são fenômenos históricos e sociais. Para o momento, se faz necessário explicitar que a prática científica e filosófica, tal como concebemos atualmente, corresponde a uma atividade historicamente datada. Saviani (2007) ressalta que a historicidade é um fundamento ontológico do ser humano garantida por meio do trabalho como uma atividade diferenciada. Em outras palavras, o ser humano se diferencia dos demais seres vivos por ter a capacidade de intervir sobre a realidade de maneira específica, o trabalho, e a partir deste transformar a realidade e a si mesmo. Como defende o autor, “(...) diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens ajustam a natureza às suas necessidades” (SAVIANI, 2007, p. 154).

O ser humano, então, ao interagir com a realidade, ao transformá-la de acordo com suas próprias necessidades, toma consciência sobre suas propriedades – o que não representa uma dicotomia rígida entre consciente e inconsciente, mas um espectro de diferentes níveis de aproximação entre a consciência e a realidade. Saviani (2007) reforça que o processo pelo qual as propriedades da realidade se tornam propriedades da consciência por meio do trabalho é, no início do desenvolvimento da humanidade, mais imediato. Em outras palavras, era na interação direta com a realidade que o seres humanos tomavam consciência sobre ela. Entretanto, conforme o conhecimento sobre a realidade se

acumula mediante a complexificação da relação dos seres humanos com a natureza e entre si, determinada também pela histórica divisão de classes, são desenvolvidas outras formas (práticas) de se conhecer e de se comunicar o conhecimento sobre a realidade (SAVIANI, 2007).

No texto citado, o autor se debruça especialmente acerca da atividade pedagógica como prática exclusivamente humana. Para nós, julgamos importante entender a prática científica também como uma atividade historicamente determinada – pois depende do nível de desenvolvimento da relação do ser humano com a realidade, entre si e com o conhecimento – e exclusiva do ser humano – pois se utiliza de instrumentos desenvolvidos pelo gênero humano e emergem a partir da prática social. De maneira geral, a atividade científica se afasta das raízes empiristas do processo de desenvolvimento da consciência humana; pois privilegia a distância entre o sujeito e o objeto de estudo e se baseia na apropriação do conhecimento historicamente desenvolvido. Por outro lado, a ciência não pode ser deslocada da prática humana, sendo ela mesma um tipo específico de atividade.

Assim, quando nos debruçamos sobre a unidade entre teoria e prática, percebemos que uma pesquisa teórica tem como objeto de estudo não apenas uma teoria – uma idealização sobre a realidade – como se o conhecimento ou as ideias tivessem existência autônoma, mas a própria prática que torna esta teoria possível. Delari Jr (2009) enfatiza que o conhecimento científico se expressa como unidade entre forma e conteúdo. Nesta direção, cabe ao pesquisador identificar tanto o fenômeno analisado (conteúdo), como sua forma de apreensão e comunicação (forma).

Além disso, a própria pesquisa teórica pode ser identificada como uma prática, ainda que não se tenha uma relação direta com a realidade ou com os fenômenos estudados. O pesquisador, então, não simplesmente reproduz ou transcreve um conhecimento já elaborado por outrem. Pelo contrário, este tipo de pesquisa demanda uma relação entre o sujeito e o seu objeto de estudo. Conforme lê e grifa seus textos de estudo, desenvolve seus fichamentos, escreve seu texto, o pesquisador pensa sobre aquilo que estuda. Há uma postura ativa diante da teoria que se toma como objeto de investigação, na qual o sujeito interage – questiona, organiza o pensamento, faz destaques, se contrapõe – com o conhecimento apreendido.

Tal processo é dinâmico e não contém um número específico de procedimentos ou etapas a serem cumpridas. Conforme o sujeito interage com o fenômeno que estuda, se apropria dos seus fatores mais determinantes. Assim que toma mais consciência sobre seu objeto, tem condições de reconstruí-lo por meio de uma reelaboração própria. Porém, a reconstrução do objeto também instiga a releitura dos textos que o contém, processo que pode adquirir um caráter mais aprofundado conforme o pesquisador se debruça sobre ele. Assim, da mesma forma que o ser humano age sobre a natureza, toma consciência sobre suas propriedades e age novamente sobre esta mesma natureza como sujeito (mais) consciente, em um constante processo de elaboração da realidade, o pesquisador teórico também se insere em uma dinâmica de duradoura e constante interação e reflexão sobre o seu objeto de estudo: o conhecimento teórico.

É importante ressaltar que o método materialista histórico-dialético se ampara não apenas na relação entre a teoria e a prática, mas sobretudo em como a unidade entre elas, a *práxis* humana, produz condições para a emancipação humana (NETTO, 2011; TANAMACHI, ASBAHR, BERNARDES, *Germinar: marxismo e educação em debate*, Salvador, v.16, n.1, p. 688-706, abr. 2024. ISSN: 2175-5604 695

2019), o que, em última instância, significa a superação do modo de produção capitalista. Neste sentido, cabe ao pesquisador identificar a necessidade prática que o motiva a realizar este tipo de pesquisa e como esta se relaciona com a sociedade na qual emerge. Quando um cientista elege um objeto de estudo teórico, como um determinado conceito, o faz a partir de uma sociedade com um determinado desenvolvimento de sua prática e com determinadas necessidades. Assim, uma ideia ou uma teoria se faz necessária não apenas para ampliação da percepção sobre a realidade. Tais conceitos penetram a realidade quando apropriados por sujeitos concretos, que intervêm sobre a realidade, na condição de sujeitos conscientes (VÁZQUEZ, 1977).

Isto posto, o desenvolvimento teórico é condição para a qualificação do trabalho humano. Sobre a pesquisa teórica, em específico, defendemos que quanto mais o pesquisador explicita as contribuições de sua pesquisa teórica para o desenvolvimento da atividade humana, mais evidente se torna a unidade entre teoria e prática até então apresentada. Assim, temos que a unidade da práxis está presente na própria realização da pesquisa teórica, no objeto de estudo (o conhecimento que é produzido por meio da prática) e na relação entre a pesquisa e realidade social da qual ela emerge. Diante destas dimensões, o pesquisador deve vislumbrar as possibilidades de transformação da realidade em direção à emancipação humana.

Com esta seção, buscamos desconstruir a ideia de que a pesquisa teórica é uma pesquisa ausente ou distante da prática. É evidente que este tipo de pesquisa carrega inevitavelmente limites sobre o processo de apreensão da realidade; afinal, a prática permanece como critério de verdade de uma teoria. Entretanto, reconhecer a relação entre prática e teoria é condição fundamental para o desenvolvimento de pesquisas amparadas no método materialista histórico-dialético. Seguimos, então, na elaboração sobre a relação entre sujeito e objeto.

O materialismo e a primazia ontológica da objetividade

Se a produção científica e teórica é amparada em uma atividade particular, se teoria e prática se expressam em unidade, sob o conceito de práxis, isso só é possível porque existe uma relação entre o sujeito e a realidade. Sob o método materialista histórico-dialético e a filosofia marxista, de maneira geral, há uma especificidade quanto a esta relação. Trata-se da primazia ontológica do objeto, que orienta a base materialista de concepção de mundo.

Poderíamos dizer que o método materialista histórico-dialético contém importantes reflexões acerca do lugar do sujeito em relação à realidade (NETTO, 2011). Supera-se a tradicional dicotomia entre subjetividade e objetividade no processo de apreensão da realidade. Enquanto uma perspectiva – idealista – aposta na concepção segundo a qual a realidade é um produto subjetivo ou uma criação intelectual humana, e outra perspectiva – materialista mecanicista – defende uma outra perspectiva segundo a qual a realidade objetiva é imediatamente acessível, sendo a consciência uma cópia desta realidade; o materialismo marxista, por estar amparado na lógica dialética, pressupõe a unidade entre objetividade e subjetividade, considerando a apreensão da realidade como um processo.

Por um lado, o sujeito que interage com a realidade tem uma existência objetiva, na medida em que tem um corpo e uma vida material, e uma existência subjetiva, na medida em que toma consciência sobre a realidade e faz das relações sociais propriedade de sua vida singular. Por outro, a realidade contém uma existência objetiva, por se expressar por meio de objetos e fenômenos sensíveis, assim como depende de esforços especificamente humanos – e subjetivos – para ser apreendida, uma vez que suas propriedades e leis não estão imediatamente acessíveis para o ser humano. Neste sentido, a objetividade da realidade é reconstruída e apreendida pelo sujeito.

É importante ressaltar que a filosofia marxista, ao propor que a apreensão da realidade é um produto da interação do sujeito com o objeto de estudo, não está oferecendo uma interpretação metodológica "subjetivista", ou seja, pautada na concepção de que é o sujeito ou as ideias que "criam a realidade". Nesta perspectiva, a realidade, que é anterior e existe independentemente da consciência humana – tanto da sociedade, quanto do pesquisador individual – não perde sua objetividade ao ser conscientizada pelo sujeito. O pensamento do pesquisador, então, não cria a realidade, mas a apreende. O caminho inverso também é verdadeiro, pois a objetividade da realidade não anula a subjetividade do pesquisador que procura apreendê-la. Porém, para que esta mesma realidade seja apropriada pelo sujeito, há um processo ativo de reconstrução da realidade no pensamento, mediado pelas ações de investigação (NETTO, 2011; TONET, 2007).

Assim, quando defendemos a primazia ontológica da objetividade em uma perspectiva materialista histórico-dialética, anunciamos duas principais questões: 1. a objetividade da realidade "se impõe" sobre o pensamento que temos sobre ela, uma vez que esta mesma realidade é anterior ao desenvolvimento da consciência humana. Podemos exemplificar que as leis de transformação da água em diferentes estados (sólido, líquido e gasoso) estão presentes neste objeto (a água) desde sua existência, ainda que o ser humano tenha demorado milhares de anos para descobri-las. Da mesma forma, se um ser humano individualmente "não acredita" nestas leis, ou seja, não as reproduz como ideias em sua subjetividade, a água não mudaria suas propriedades, que estão postas objetivamente³. 2. não há consciência sobre a realidade sem a existência de um ser consciente. Como defendem Marx e Engels (2007), o ser humano que pensa é o ser humano que se alimenta e que vive em uma determinada realidade material, objetivamente organizada. Nesta direção, não existe teoria sem um sujeito concreto que a elabora e sem uma sociedade sobre a qual ela emerge.

Voltemos para a relação entre o método materialista histórico-dialético e a pesquisa teórica. Em primeiro lugar, entender o processo de apreensão da realidade nos auxilia a compreender qualquer teoria ou fenômeno do pensamento humano não como um conjunto de ideias autônomas e autossuficientes, mas como produtos de uma determinada relação entre o sujeito e a realidade. Em segundo lugar, considerar a teoria como uma produção social inclui a percepção de que esta mantém uma expressão objetiva e acessível. Por fim, consideramos que a pesquisa teórica é uma forma indireta de apreensão da realidade, por meio da interpretação de uma outra interpretação sobre ela, "(...) voltam-se diretamente para as abstrações do pensamento já sistematizadas a respeito de dado objeto ou fenômeno" (MARTINS;

LAVOURA, 2018, p. 235). Assim, da mesma forma que uma pesquisa teórica não é ausente de prática, tampouco seria uma simples abstração arbitrária da realidade que se procura conhecer.

Como construímos, então, uma pesquisa teórica sob estes pressupostos? Vigotski (1996) defende a unidade entre o fenômeno (o objeto de estudo) e o seu método investigação. Objetos particulares, com propriedades particulares, requerem procedimentos particulares de investigação, adequados às propriedades do fenômeno investigado. Para o autor, é o objeto de estudo que determina o procedimento de investigação, ou, em outras palavras, é a realidade que determina o seu método de apreensão. O pesquisador, portanto, tem o papel fundamental de construir e se apropriar dos procedimentos e instrumentos de pesquisa capazes de apreender, da melhor forma possível, as leis e determinações da realidade – o que, inclusive, nos afasta de uma proposta metodológica "universal" a ser utilizada em qualquer estudo.

Tal assertiva é válida em dois aspectos. Por um lado, o pesquisador deve avaliar o processo de produção da teoria que toma como objeto de estudo (os métodos utilizados, as deduções apresentadas, as hipóteses levantadas, etc.) e não apenas o seu produto (os conceitos e ideias ali presentes), de acordo com as necessidades da pesquisa. Por outro, cabe ao pesquisador se debruçar sobre os procedimentos que deve executar para apreender a teoria em sua expressão objetiva. Há, então, uma tensão constante entre a objetividade dos fenômenos da realidade e a objetividade da teoria sobre estes fenômenos, a qual o pesquisador deverá considerar.

Tal objetividade só é possível de ser alcançada porque o conhecimento científico, produzido a partir da interação do pesquisador com a realidade em um determinado contexto social e histórico, encontra a linguagem como principal forma de sistematização. O processo de apreensão da realidade, por ser um processo cognoscitivo – e, cabe ressaltar, não apenas individual – encontra expressão na linguagem, principal instrumento humano de generalização de sua relação com a realidade. A apropriação da realidade pelo sujeito pressupõe, então, a transformação desta em pensamento e este pensamento, ao se transformar em verbal, tem como base a palavra (DELARI JUNIOR, 2009). A palavra (ou, no nosso caso, os textos), é o elo intermediário entre o mundo objetivo e o mundo dos pensamentos. Como matéria, a palavra pode ser grafada e falada, o que garante a comunicação do pensamento; como ideia, a palavra contém uma generalização da realidade. Assim, uma teoria contém um grau de objetividade por se materializar na forma de texto e/ou imagem. É papel do pesquisador, portanto, apreender seu objeto de estudo em sua expressão real e concreta, considerando sua produção e os seus determinantes.

Para evitarmos uma compreensão puramente linguística do conhecimento, é importante ressaltar que o que define a natureza do conhecimento científico não é a linguagem em si, mas as particularidades da realidade que estão representadas nas ideias desenvolvidas pelos pesquisadores, expressas por meio de palavras. Para a compreensão de uma teoria ou de uma pesquisa científica, não é suficiente entender o que as palavras utilizadas significam, mas as relações que estas palavras estabelecem com a realidade, os pressupostos filosóficos nos quais esta teoria ou pesquisa está apoiada, as determinações históricas desta produção, dentre outros. Como defende Chaiklin (2019, p. 4, tradução nossa, grifos nossos),

(...) um conceito teórico é sempre compreendido dentro de um sistema de relações conceituais. Não é simplesmente a questão de encontrar ou interpretar a definição em um dos textos de Vigotski. *O significado de cada termo teórico individual deve ser entendido em relação a todo o sistema teórico no qual ele aparece.*

Ressaltamos, então, que uma teoria ou uma produção teórica, ao se aproximar da realidade, contém também uma certa lógica interna e endógena, da teoria em relação à própria teoria. Como defendemos, a produção do conhecimento é um processo, uma vez que as propriedades dos fenômenos da realidade são apreendidos por um sujeito a partir da reconstrução e reorganização desta por seu pensamento. O estudo de uma teoria é também, portanto, o estudo dos meios necessários para que as propriedades da realidade se tornem propriedades da consciência. É nesta direção que um conceito diz respeito, ao mesmo tempo, a um determinado fenômeno da realidade e a uma elaboração ideal inserida em um determinado campo filosófico e/ou científico.

Ainda considerando o processo de apreensão da realidade por meio do pensamento, Delari Junior (2009) defende que o pesquisador, ao realizar um estudo teórico, deve “preservar a orientação dialética geral na compreensão das relações entre o texto e seu autor, o texto e seu tema, o texto e os interlocutores aos quais se destina (...)” (DELARI JUNIOR, 2009, p. 2). O estudo teórico, portanto, deve contemplar esta totalidade, propriedade de seu objeto de estudo, que se expressa na unidade dialética entre autor-texto-leitor (DELARI JUNIOR, 2009). Isso significa que qualquer pesquisa teórica, ainda que seja um recorte conceitual ou temático da obra de um autor, demanda uma elaboração da relação entre diferentes conceitos e destes conceitos com a realidade objetiva.

Em síntese, o produto do trabalho científico, expresso na dialética conteúdo-forma, tem existência material e objetiva, garantida pela linguagem, e, portanto, pode ser consultado e deve ser considerado em sua objetividade. Desta maneira, quando estudamos uma teoria ou uma pesquisa científica, estudamos tanto os fenômenos da realidade que têm existência objetiva, quanto as formas de pensar sobre esta mesma realidade, materializadas e realizadas na linguagem. A busca pela reprodução do conjunto de ideias de um autor, entretanto, não está relacionada com uma suposta busca por neutralidade, mas pelo reconhecimento da objetividade de seu trabalho (das propriedades do fenômeno estudado, do processo de pesquisa, do texto no qual esta pesquisa está sistematizada) e da tentativa de reproduzi-lo de acordo com esta objetividade, considerando-se também as suas condições de produção. Tal relação, em nossa análise, apenas pode ser alcançada quando a totalidade do objeto de estudo estão suficientemente compreendidas.

Reforçamos que a pesquisa teórica é um tipo de estudo que tem como principal objeto a realidade analisada teórica e cientificamente. A realidade, portanto, não deixa de fazer parte das preocupações da investigação; entretanto, na pesquisa teórica, a realidade é acessada por via indireta, mediada por uma teoria, por uma análise e leitura da realidade já desenvolvida por um outro sujeito, frequentemente em outras condições históricas e materiais. Isso significa que o pesquisador que realiza uma pesquisa teórica deve sempre considerar a unidade entre a realidade e o sujeito que a apreende, considerando as determinações históricas da própria realidade e do sujeito que a interpreta, tema sobre o qual nos debruçamos mais à frente.

É importante ressaltar que o objetivo de uma pesquisa – inclusive da pesquisa teórica – é a apreensão do movimento de constituição da realidade (NETTO, 2011). Neste sentido, mais importante do que a lógica interna e retórica de uma elaboração teórica é o grau de aproximação que esta teoria possui com os fenômenos da realidade. O pesquisador deve estar atento, então, não apenas à coerência das ideias em um texto, mas se a realidade pode ser apreendida mediante aquela teoria tomada como objeto de estudo.

A relação entre a consciência e a realidade, sobre a qual a pesquisa teórica emerge, como defendemos até o momento, está em constante tensão e conflito; afinal, as ideias não são uma simples cópia da realidade (MARTINS, 2013). Tal condição impõe ao pesquisador uma postura de não apenas reproduzir o texto teórico para preservar sua originalidade, mas também de questionar esta produção considerando as demandas da realidade com as quais se defronta. Nesta direção, um conteúdo teórico, por mais coerente em sua lógica, pode não conter as vias necessárias para se compreender a realidade em suas vias de determinação.

Nos deparamos, então, com duas situações importantes a serem consideradas na pesquisa teórica. Em primeiro lugar, se um conceito ou uma determinada ideia se transforma no conjunto dos textos estudados (seja em um mesmo autor, em diferentes momentos históricos ou em diferentes autores). Na verdade, é muito comum que determinados conceitos ou ideias sofram profundas alterações conforme um ou mais autores se debruçam sobre um fenômeno e considerá-las é fundamental para uma análise da totalidade da teoria. Em segundo lugar, poderíamos considerar que a própria realidade sofre determinadas transformações, especialmente quando pensamos sobre os fenômenos sociais e culturais. Neste sentido, um mesmo conceito ou uma mesma ideia pode se transformar conforme a própria realidade que se pretende conhecer se transforma. Ou, em outros casos, determinadas definições se tornam obsoletas ou incompletas diante de fenômenos que se tornam cada vez mais complexos. O pesquisador deve, então, expor estas diferentes expressões do seu objeto de estudo teórico, assim como sua relação com a realidade.

Buscamos, ao longo desta seção, quebrar o mito segundo o qual a teoria é uma reprodução fidedigna da realidade objetiva, ao mesmo tempo em que argumentamos que este tipo de pesquisa deve se referir a ela. Defendemos que a pesquisa teórica é uma forma de apreender o mundo objetivo de maneira indireta, por meio do estudo sobre a sua elaboração a partir do pensamento de outrem. Porém, como a relação entre a consciência e a realidade não é linear, identificamos que o pesquisador de uma pesquisa teórica deve manter a atenção tanto à objetividade das produções teóricas que estuda, quanto dos fenômenos sobre os quais estas teorias se debruçam. Tem-se como objetivo final não apenas a apreensão e reprodução da teoria em si mesma, mas da relação desta teoria com a realidade.

A produção teórica como expressão histórica da relação entre o sujeito e a realidade

Tanto a unidade entre teoria e prática, quanto a concepção materialista da realidade se entrelaçam em um determinante mais amplo: a historicidade do sujeito e da produção do conhecimento.

Acreditamos que, até este momento, este pressuposto está mais ou menos evidente; afinal, ao falarmos sobre os demais princípios, consideramo-los sempre em relação a um sujeito concreto, o que significa, em última instância, um sujeito histórico e social.

Delari Junior (2009), assim como Netto (2011), afirmam que, para além de uma produção social e cultural, o conhecimento é histórico. Afinal, se o que caracteriza a produção do conhecimento é a relação entre o sujeito e a realidade, por meio da práxis, devemos considerar o *status* ontológico do ser humano como um ser histórico, uma vez que este desenvolve sua atividade não somente a partir do contato direto e imediato com a realidade, mas mediado por instrumentos e signos desenvolvidos pelo gênero humano. Assim como Marx e Engels (2007) concluem que os seres humanos fazem história, mas nascem em condições históricas determinadas; poderíamos afirmar, paralelamente, que o pesquisador faz ciência, mas o faz a partir de condições científicas determinadas.

O pesquisador, que interage com seu objeto de estudo, é um ser social historicamente determinado e, portanto, apreende a realidade de acordo com as possibilidades e os limites reais das circunstâncias sociais e históricas nas quais se encontra. Os modos de pensar sobre a realidade, os paradigmas científicos, a organização da prática de estudos, os instrumentos disponíveis para se intervir sobre a realidade são exemplos de algumas das condições históricas e necessárias pelas quais o sujeito que investiga se defronta ao realizar uma tentativa de apreensão da realidade.

O conceito de verdade, portanto, passa a ser compreendido em sua dimensão histórica, uma vez que contém em si as determinações do momento histórico no qual foi produzida. Para Delari Junior (2009, p. 1), a verdade deve ser interpretada “não como conhecimento absoluto, mas como aquele mais eficaz na transformação do real num dado momento histórico”. Não se trata de uma relativização da objetividade da realidade por meio da alegação de sua dimensão histórica. Pelo contrário, a historicidade da ciência, não anula a objetividade da realidade e a prática, a possibilidade de transformar a realidade intencionalmente, continua sendo a principal referência para a validade de um conhecimento.

A historicidade do conhecimento preserva as especificidades de sua produção e apreensão. Por ser produto e fundamento da práxis humana, se expressa como unidade entre a prática e o pensamento. Neste sentido, a particularidade histórica do conhecimento está apoiada tanto nas formas históricas de produção da vida quanto nas formas de se apreender a realidade. Desta forma, ao pensar sobre o contexto histórico que determina a produção do conhecimento, deve-se considerar tanto o desenvolvimento dos meios de produção – a intervenção humana sobre a realidade – quanto o desenvolvimento dos meios de interpretação da realidade – a lógica do conhecimento que apreende as determinações da realidade (KOPNIN, 1978).

Para apreender plenamente um conceito de um determinado autor é importante que se analise o contexto histórico no qual este autor elabora este conceito, assim como o contexto científico do qual ele faz parte. A leitura de Vigotski, por exemplo, demanda a compreensão geral da psicologia soviética e da Psicologia Histórico-Cultural. Esta compreensão exige, mais adiante, um entendimento do contexto social e cultural da antiga União Soviética e o papel da ciência psicológica nesta. A ausência destas determinações em uma análise teórica pode produzir, como tem sido frequente no contexto brasileiro (DUARTE, 2001),

um esvaziamento político do conteúdo desta teoria. O que queremos ressaltar com este exemplo é que quando não explicitamos o movimento histórico de produção de uma teoria, não apenas reduzimos nossa capacidade de compreendê-la em um sentido meramente intelectual, mas a possibilidade de identificar o potencial político desta como instrumento de apreensão para a transformação da realidade.

Porém, não é apenas o pensamento e a ciência que sofrem transformações ao longo do tempo. Devemos considerar o caráter histórico não apenas do objeto de estudo (a teoria, o conceito, etc.), mas da própria realidade que estudamos e do pesquisador que estuda esta realidade por meio da pesquisa teórica. Em outras palavras, quando propomos a investigar teoricamente um fenômeno da realidade, também estamos determinados pelos limites e possibilidades que as nossas circunstâncias históricas nos inscrevem. Da mesma forma que os conceitos que tomamos como objeto de estudo são produtos de uma relação mais ampla entre sujeito, realidade e historicidade, também nos constituímos a partir de uma realidade histórica e social.

Poderíamos dizer que quanto mais o sujeito se apropria da história do conhecimento e dos fenômenos que pretende investigar, mais condições ele tem de analisar e avaliar uma teoria desenvolvida por outra pessoa. Tomando o exemplo anterior, quando me proponho a estudar um conceito em Vigotski, não teria como fazê-lo a partir da União Soviética de 1930, mas de uma outra realidade histórica na qual aquele mesmo conceito já passou por diversas reformulações teóricas (internas, na Psicologia Histórico-Cultural e externas, na psicologia como um todo); tampouco o fenômeno que aquele conceito pretendia explicar é o mesmo cerca de 100 anos depois de formulado.

Reconhecendo o caráter histórico da produção do conhecimento e do pesquisador, identificamos que o seu trabalho envolve a reconstrução de uma produção teórica de um determinado momento e contexto históricos em outro momento e contexto históricos. Isso porque o pesquisador encarregado de uma pesquisa deste tipo realiza o seu trabalho a partir de um contexto histórico específico, no qual o desenvolvimento da ciência ou da realidade podem apresentar outras particularidades e exigências.

Como defendemos anteriormente, a relação entre o pesquisador e o seu objeto de estudo – ainda que este não seja a realidade imediata ou a prática humana – não é passiva, mas ativa e envolve um constante movimento entre a análise da teoria estudada, a análise da realidade a qual ela se refere e a análise da realidade que pretende compreender e transformar. Há, portanto, uma unidade entre a historicidade do objeto de estudo e a historicidade da pesquisa que realiza, na qual o sujeito não apenas reproduz uma teoria já existente, mas reflete sobre ela, considerando a teoria como uma elaboração historicamente determinada da realidade e não a realidade em si mesma.

É importante ressaltar que, a depender do campo do conhecimento e do objeto de estudo escolhido, a distância entre a elaboração teórica do fenômeno e sua expressão na realidade objetiva pode ser ainda mais significativa, o que faz com que exista um esforço ainda maior do pesquisador em sua análise. No caso do nosso estudo (SALINA, 2023), por exemplo, nos deparamos com a necessidade de explicitar determinantes sociais como gênero, sexualidade e raça que não estavam presentes nos textos originais da autora estudada. Talvez porque estas questões não estavam evidentes na realidade daquela

pesquisadora ou por simples negligência, estes temas não apareceram. Porém, como estes fenômenos são determinantes na nossa realidade – no caso da pesquisa, sobre a formação da personalidade – explicitamos esta possível relação, considerando a proposta teórica original da autora.

Outro exemplo possível é a análise do conceito de alienação em Marx. Embora a divisão de classes se mantenha na sociedade e o capitalismo continue sendo o modo de produção hegemônico, as relações de trabalho se alteraram significativamente desde os escritos do autor. Desta forma, assim como se transforma o trabalho, também se modifica as formas segundo as quais a alienação se faz presente na realidade. O conceito de alienação, em Marx, então, pode continuar pertinente para a análise de muitas situações concretas, mas pode ser obsoleto para pensar outras características específicas que emergiram na dinâmica de trabalho centenas de anos após sua morte.

Assim, quando defendemos a historicidade da pesquisa teórica, nos detemos nos seguintes aspectos: 1. uma teoria ou um conceito está determinado historicamente, na medida em que depende dos instrumentos desenvolvidos pelo gênero humano no momento e nas condições em que emerge, considerando-se então tanto a história do desenvolvimento da prática humana quanto a história do pensamento e da consciência. 2. os fenômenos humanos se transformam de acordo com a dinâmica de desenvolvimento da sociedade, o que significa que a própria realidade que se pretende conhecer por meio do pensamento se transforma. 3. a própria pesquisa teórica é um produto histórico e contém a unidade entre a historicidade da teoria (do pensamento humano) e a historicidade dos fenômenos (determinada, em última instância, pela transformação das atividades humanas).

Considerações finais

Neste artigo, buscamos propor alguns princípios que podem orientar a realização de uma pesquisa teórica com base no método materialista histórico-dialético. Como defendemos, o que determina os procedimentos de investigação é o objeto de estudo (o conceito, a teoria, o estado da arte, etc), o que nos impediria de elaborar um conjunto de etapas “universais” e inequívocas a serem cumpridas. Assim, acreditamos que cada teoria, ideia ou conceito exige uma série de decisões práticas particulares para que sejam devidamente apreendidos, considerando-se não apenas as propriedades teóricas do objeto, mas sobretudo as propriedades do fenômeno a ser estudado. Determinados conceitos dependem de uma série de outros conceitos para se efetivarem, determinadas produções teóricas apresentam rupturas significativas ao longo de sua história, determinadas descobertas já não são tão cientificamente sólidas quanto no momento em que foram produzidas, determinadas ideias aparecem apenas em alguns textos específicos de um autor. Todas estas condições descritas reforçam que a construção da pesquisa teórica depende das propriedades do objeto e das finalidades da pesquisa.

É importante ressaltar que os princípios levantados, apesar de apresentados separadamente, se expressam como uma unidade indissociável. Não há como se dissociar a história da prática humana, assim como não há como se dissociar a prática do pensamento, tampouco o pensamento da relação entre sujeito e objeto. A pesquisa teórica a partir do método marxista deve contemplar em unidade o que se expressa

na realidade como totalidade. Em nosso caso, defendemos mais especificamente o estudo da unidade entre autor-texto-leitor, considerando-se nesta unidade a relação entre prática e consciência e que se manifesta como um produto histórico e social.

Ao longo de nosso estudo, encontramos pouca sistematização acerca da realização da pesquisa teórica com base no método materialista histórico-dialético. Reforçamos que este tipo de pesquisa pode ser importante no contexto geral da produção do conhecimento, especialmente considerando o desenvolvimento tecnológico, filosófico e científico da humanidade. Acreditamos que o levantamento de alguns pressupostos pode contribuir, então, para a qualificação de cada pesquisa que pretenda ter como base o método marxista. Porém, enfatizamos que, para que a pesquisa teórica seja expressão do método materialista histórico-dialético, os pesquisadores devem se utilizar de ferramentas, instrumentos e procedimentos coerentes com os princípios até então defendidos. Compreendemos, ainda, que os princípios apresentados representam uma sistematização introdutória sobre o tema e outras categorias do método podem ser considerados na construção de pesquisas. Além disso, estes princípios representam uma abstração de alguns elementos que devem orientar a realização de um estudo e, por isso, sugerimos como leitura complementar a dissertação que deu origem a este artigo (SALINA, 2023), pois ela é uma tentativa de incorporar estes princípios em uma pesquisa.

Por fim, como defendemos até o momento, a pesquisa teórica não se abstrai da realidade, tampouco da atividade humana. Por outro lado, consideramos importante não idealizarmos este tipo de pesquisa, que também apresenta limites. Afinal, a prática é critério de verdade de uma teoria e a realidade objetiva existe independentemente da nossa consciência sobre ela. Além disso, “(...) a atividade teórica por si mesma em nada altera a existência concreta do fenômeno. A alteração apenas se revela possível quando a atividade teórica orienta a intervenção prática transformadora da realidade (...)” (MARTINS; LAVOURA, 2018, pp. 230-231).

Por outro lado, ressaltamos que a elaboração da pesquisa teórica com base nestes princípios pode reduzir significativamente a distância entre a realidade e o pensamento sobre ela. Tendo a pesquisa teórica como finalidade a compreensão da realidade em seu movimento de constituição e suas vias de transformação, enfatizamos que a consideração destes pressupostos não faz com que a teoria deixe de ser uma elaboração ideal da realidade e, por sua constituição, parcial; mas, por ser considerada em suas determinações mais gerais e em sua relação com a atividade humana, pode ser apreendida de maneira mais consistente, tal como se apresenta: como um produto humano, social e histórico.

Referências

- CHAIKLIN, Seth. Age as a historical materialist concept in cultural-historical theory of human development. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 3, p. 1–27, 2019.
- DELARI JUNIOR, Achilles. **Introdução a princípios metodológicos de L. S. Vigotski**: duas ou três sugestões para a pesquisa teórica em psicologia histórico-cultural. 2009.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender"**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

- KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MARTINS, Ligia Marcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.
- MARTINS, Ligia Marcia; LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, v. 34, n. 71, p. 223-239, 2018.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- SALINA, A. P. **O conceito de personalidade em Lidia I. Bozhovich: contribuições para a Psicologia Histórico-Cultural**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru. Bauru, p. 190, 2023.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32 ed. Campinas: Autores Associados, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007.
- TANAMACHI, Elenita de Rício; ASBAHR, Flavia da Silva Ferreira; BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. Teoria, método e pesquisa na psicologia histórico-cultural. In: BEATÓN, Guillermo Arias; SOUZA, Marilene Proença Rebello De; BARROCO, Sonia Mari Shima; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo (org.). **Temas escolhidos na psicologia histórico-cultural: interfaces Brasil - Cuba Vol. II**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 91–108.
- TONET, Ivo. Pluralismo metodológico: um falso caminho. In: TONET, Ivo (org.). **Democracia ou Liberdade?** 1. ed. Maceió: EDUFAL, 2007.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIGOTSKI, L. S. O problema do ambiente na pedologia. In: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (orgs.). **Ensino desenvolvimental**: antologia – livro I. Uberlândia: EDUFU, 2017.

Notas

¹ Mestre em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento (UNESP - Bauru). Pesquisador do Tecer - Coletivo de estudos e pesquisas sobre Psicologia Escolar e Atividade Pedagógica (UNESP/Bauru): <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/631826> . Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4979568692951523> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6849-3660> . E-mail: andre.perussi.s@gmail.com

² Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Professora assistente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP/Bauru). Líder do TECER - Coletivo de estudos e pesquisas sobre psicologia escolar e atividade pedagógica (UNESP/Bauru): <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/631826> . Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0992862282815480> . Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7338-0003> . E-mail: flavia.asbahr@unesp.br .

³ No exemplo citado, elegemos um fenômeno da natureza para reforçar a tese que defendemos de forma mais acessível. Entretanto, é importante ressaltar que os fenômenos sociais também possuem uma objetividade que independente de nossa consciência. Tais fenômenos são ainda mais sensíveis ao desenvolvimento histórico das relações humanas, uma vez que são produtos diretos das transformações da relação dos seres humanos entre si e com a realidade. Assim, as leis de desenvolvimento destes fenômenos não são apenas apreendidas historicamente de acordo com as possibilidades humanas de se conhecer aqueles objetos, mas sua própria constituição se altera ao longo da história. Por exemplo, a sociabilidade capitalista se constitui de forma diferente à sociabilidade de outros modos de organização da produção e reprodução da vida. Estas transformações não se dão por uma natureza imutável e inerente às relações humanas, mas justamente como produtos das mudanças da atividade humana ao longo do seu processo histórico de desenvolvimento.

Recebido em: 25 de ago. 2023

Aprovado em: 21 de abr. 2024